

NO DIA DA PATRIA

O Brasil celebra hoje o seu Dia da Pátria. As bandeira ouro e verde serão desfraldadas aos quatro ventos. Nas grandes cidades, serão ouvidos os ecos dos clarins, nas paradas militares, e uma vibração de entusiasmo percorrerá o coração dos patriotas.

Sei também que muitas personalidades desencarnadas, que antigamente pelejaram pela organização da nacionalidade, hoje se voltam para São Sebastião do Rio de Janeiro, onde pretendem participar das cerimônias comemorativas; muitos dos chefes tapuias e tupis, legítimos donos da terra conquistada pelos portugueses, ainda no espaço, não desdenharão igualmente de passear os seus olhos pelo cenário das suas passadas existências, recordando hoje as suas tabas solitárias, os seus costumes, que os brancos perverteram, a imensidade das suas selvas e a beleza melancólica das suas praias desertas.

Todavia, lembrando Paicolas, reconhecerão alguns benefícios de sua influência, ao lado de seus inumeráveis defeitos. Hão de contemplar, enlevados, a Avenida Central, a Avenida Atlântica, a praia de Copacabana, o Russell, o Leblon, as obras de saneamento e o casario imenso da cidade maravilhosa, derramando-se

pelos vales, pelas serras e planícies, numa alucinação de progresso vertiginoso.

Os homens e os Espíritos desencarnados se reunirão, celebrando a data festiva.

Essas solenidades são sempre lindas e alegres, quando encaradas dentro da sua formosa significação.

As pátrias devem ser as casas imensas das famílias enormes. Unidas fraternalmente, realizariam o sonho da Canaan das Escrituras, na face da Terra. Contudo, quanto mais avançou a civilização nas suas estradas, mais o conceito de pátria foi viciado na essência da sua legítima expressão.

O progresso científico eliminou quase todos os problemas da incomunicabilidade. A radiotelefonia fez do planeta uma sala minúscula, onde os países conversam, como as pessoas. Os paquetes para as viagens transoceânicas são cidades flutuantes, como hifens gigantes, unindo os povos. As máquinas aéreas, aperfeiçoadas e admiravelmente dispostas, sulcam os ares, devorando as distâncias. Por toda parte, rasgam-se estradas. Há uma ansia de comunhão em todas as coisas. Tudo tende a unir-se, aproximando-se.

Entretanto, nunca as pátrias estiveram tão afastadas umas das outras, como agora. Jamais se fez uma apologia tão grande da política de isolamento. As pátrias andam es-

quecidas de que a existencia depende de trocas incessantes. Os maiores desequilibrios financeiros e economicos são infligidos ás nações, no seu egoismo coletivo.

Deslumbrada, num periodo esplendoroso de sua evolução, e sentindo-se no limiar de transformações radicais em todos os setores de sua atividade, a sociedade humana escuta a voz dos seus genios e dos seus apostolos, desejando eliminar as fronteiras de todos os matices que separam os seus membros, fundindo-se nesse abraço de Unidade que ela começa a compreender. Mas, a politica representa o passado multi-milenario. Os governos se concentram á base da força e o antagonismo que impera entre todos os elementos da atualidade apresenta um espetaculo interesantissimo. Todos os pactos de paz são mentirosos. Haverá maior contradição que a de um instituto de paz, que deve ser pura e espontanea, guardado por exercitos armados até os dentes?

Em todos os sistemas politicos dos tempos modernos, predominam apenas os pruridos da hegemonia internacional. Em virtude de semelhantes disparates, a guerra é inevitavel. Não haverá confabulações diplomaticas que a eliminem, por enquanto, do caminho dos homens. E a guerra de agora será mais dolorosa e terrivel. Todas as conquistas da ciencia serão mobilizadas a seu serviço. A bate-

riologia, a eletricidade, a mecanica, a quimica, todos os elementos serão requeridos pelo polvo insaciavel.

Deus criou a Paz, o Amor e a Fraternidade, mas os homens criaram os seus proprios destinos. Confundidos no labirinto de suas maldades, só têm podido iluminar os caminhos da Vida com os fachoos incendiados da Morte.

Na atualidade, a guerra das patrias representa a guerra dos sentimentos; porque uma era nova, de fraternidade cristã, desabrochará nos horizontes do mundo. Todos os Espiritos falam nessa renovação e ela aparecerá, clareando o dia novo da humanidade.

Nessa epoca de ouro espiritual, que talvez não venha longe, o mundo entenderá a mensagem de paz do Divino Cordeiro. Uma brisa suave de conforto e de alivio descera do Céu sobre as fronte atormentadas das criaturas. Terminará o diluvio de expiações, em que o homem, ha seculos, está envolvido e um passaro simbolico trará novamente a oliva da esperança.

E o Brasil que, embora com sacrificios ingentes, vem colaborando na disseminação da mensagem da imortalidade e da esperança, nessa era nova entoará, com as nações irmadas, o hino da Paz, compreendendo, pela evolução moral dos seus filhos, a beleza maravilhosa da Patria Universal.

7 de Setembro de 1935.